

**Adolescência em foco:
representação imagética do jovem em situação de risco**

Elenilda Dias de Souza CARLOS¹
Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES²

Resumo

Perante o destaque dado pela mídia mossoroense à divulgação de imagens de jovens em situação de risco, este trabalho busca investigar que tipo de representação a mídia local faz destes adolescentes. Pertencentes a famílias pobres, os jornais se utilizam das imagens destes jovens sem nenhum consentimento. Pessoas pobres não costumam questionar os jornais, na maioria das vezes, sequer sabem se têm direito a isto. Para realizar esta análise, é preciso ter conhecimento de que as fotografias, embora sejam consideradas um atestado da realidade, não são um retrato fiel que reproduz o mundo como ele é, e sim, um recorte dele. A partir da análise do discurso das imagens, é possível identificar os fatores implícitos que interferem no resultado do produto fotográfico.

Palavras-chave: Fotografia. Representação. Adolescência.

Abstract

Given the emphasis placed by the media of Mossoró the dissemination of images of young people at risk, this study investigates what kind of representation the local media makes about these teenagers. Belonging to poor families, the newspapers use the pictures of these young people without anyone say anything. Poor people do not usually question the newspapers, in most cases, they do not know if have this right. To perform this analysis, we must be aware that the photographs, although considered an absolute truth, are not an accurate portrayal that reproduces the world as it is, and yes, a cut of this world. From the discourse analysis of the images, one can identify the implicit factors that affect the outcome of the photographic product.

Keywords: Photography. Representation. Adolescence.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas- PPGCSH, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Mossoró. E-mail: ellendiassc@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas- PPGCSH, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Mossoró. E-mail: marciliamendes@uol.com.br



Introdução

Não é raro que na mídia mossoroense encontremos fotos de menores em situação de risco. A maioria das vezes estes jovens estão associados a situações de violência. Diante do grande destaque que a mídia local dá para casos como estes, nesse sentido, este trabalho se propõe a analisar as fotografias do jornal *O Mossoroense* de modo a identificar que tipo de representação estas imagens fazem destes jovens. Pertencentes às classes menos favorecidas, estes jovens de famílias pobres, estão constantemente estampando capas e páginas policiais, sem que seus familiares sequer saibam se têm o direito ou não de exigir o resguardo de sua imagem.

À fotografia foi atribuído o título de “dona da verdade”, afinal, o que pode ter mais credibilidade que uma imagem? A partir disso, torna-se comum à sociedade não questionar fotografias veiculadas por jornais. Mas até que ponto estas fotografias midiáticas são mesmo um retrato fiel da realidade? O fotojornalismo tem direito de apropriar-se da imagem destes jovens para ilustrar suas matérias? Será que esta representação seria diferente se estes jovens pertencessem a uma classe social mais elevada?

Para tornar a análise possível o método utilizado é a análise do discurso, uma vez que, este trabalho busca também identificar os fatores implícitos que condicionam a representação fotojornalística.

1 Civilização da imagem: riscos e ciladas.

Em nosso dia a dia, somos rodeados de imagens por todos os lados, elas estão presentes em quase tudo que fazemos. À imagem foi atribuído um enorme poder, afinal “uma imagem vale mais que mil palavras”. Mas será que podemos mesmo fazer tal afirmação? Antes, é preciso ter conhecimento de vários fatores ligados à elaboração de uma imagem (neste caso, a fotografia) que podem interferir diretamente em seu resultado. A sua significação irá depender de seu processo de produção, o ângulo escolhido, a abertura da lente, a iluminação.



Costumam dizer que a fotografia é encantadora por seu poder de “preservar a realidade como ela é”. A maioria das pessoas não questionam os conteúdos midiáticos, e se estes vêm acompanhados por fotos, então tornam-se quase inquestionáveis.

Conforme a afirmação de Pereira Junior (2006, p. 121):

O leitor de uma imagem fotojornalística tende a compreendê-la como uma realidade factual, algo que irá expressar a verdade pela sua capacidade de paralisar o instante. O advento da fotografia no século XIX consolidou a presunção de que ela é o decalque, a reprodução fiel da “imagem” do mundo, uma prova incontestável da existência.

Entretanto, é preciso atentar para o fato de que uma mesma imagem pode ter mais de um significado. Uma determinada situação pode ser fotografada de várias maneiras diferentes. Uma foto pode ser publicada de modos diferentes, dependendo da edição, e da diagramação da página. A cena fotografada é antes escolhida pelo fotógrafo, que seleciona aquela imagem que considera relevante, aquilo que ele acredita que deve ser mostrado. Além dessa seleção feita pelo fotógrafo, existem outros fatores e outras circunstâncias que não são capturados pela lente.

É inegável que aquilo que a imagem mostra é real, “a foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” (SONTAG, 2004, p. 16). No entanto, a partir do momento em que é feita esta seleção, em que há uma decisão arbitrária, o fotógrafo opta por registrar tal imagem, de tal ângulo, ele opta também por não mostrar o outro lado, os outros ângulos. Deste modo, podemos dizer que a fotografia é real, ela foi confeccionada a partir de um pressuposto real, mas não é a realidade de fato, pois esta engloba muito mais coisas do que a lente de uma câmera é capaz de capturar em um só clique.

Sendo assim, podemos afirmar que esta seleção da cena a ser mostrada, é um pedaço daquilo que realmente existiu, um recorte do real, selecionada a partir de condições técnicas, conceitos próprios de quem a produz, um recorte do real feito a partir de impressões e julgamentos pessoais e profissionais.

Se dois fotógrafos diferentes registrarem a mesma cena, cada um irá obter um resultado diferente, cada um irá obter seu próprio recorte. Tendo conhecimento disso, não se pode admitir um comportamento passivo em relação à fotografia. Vale ressaltar o alerta feito por Loizos (2000, p.140): “não se pode acreditar no que se vê de maneira



ingênuas”. O mesmo autor nos lembra que “os fotógrafos muitas vezes tomam a iniciativa devido a suas próprias razões profissionais e estéticas” (LOIZOS, 2000, p.145).

Vivemos em uma civilização dominada pela imagem e, entretanto, desconhecemos a que riscos estamos expostos ao acreditar plenamente em sua credibilidade. Joly (2007, p. 9) explica de que forma essa “civilização da imagem” pode nos ser ameaçadora:

A opinião mais comum sobre as características de nossa época, já repetida há mais de trinta anos, é que vivemos em uma “civilização da imagem”. No entanto, quanto mais essa constatação se afirma, mais parece pesar ameaçadoramente sobre nossos destinos. Quanto mais vemos imagens, mais corremos o risco de ser enganados [...]. Um dos motivos pelos quais elas podem parecer ameaçadoras é que estamos no centro de um paradoxo curioso: por um lado, vemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente “natural”, que, aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais inconsciente do que consciente, a ciência de certos enunciados que conseguem nos “manipular”, afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade.

Quando se fala em imagens ameaçadoras podemos atribuir o termo para as imagens midiáticas. A mídia em si já possui um enorme poder, o jornal impresso tem uma grande representatividade junto à sociedade. Deste modo, Joly (2007, p. 14) declara que “a imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que critica e que, ao mesmo tempo faz parte da vida cotidiana de todos é a imagem da mídia”. Desta forma, vale ressaltar que, dependendo de seu conteúdo, seu uso, qualquer imagem, qualquer fotografia pode se tornar uma ameaça, mas as que realmente requerem atenção são as fotografias midiáticas. Aquelas que são veiculadas diariamente e repassadas à sociedade como retratos fiéis e irrefutáveis daquilo que ela representa.

2 Adolescência marginal: a imagem midiática do jovem em situação de risco.

Ao folhearmos as páginas dos jornais locais, nos deparamos diariamente com fotografias relacionadas a jovens envolvidos em situações de violência. O “adolescente

criminoso”, o “adolescente drogado”, o “adolescente assassino”, o “adolescente vítima da violência”. As notícias revelam um jovem envolvido num mundo de drogas, violência, dor, sofrimento e morte. Para ilustrar estes textos, o jornal apodera-se da imagem desses jovens e ilustra suas páginas com os retratos da violência.

Geralmente, estes jovens pertencem à camada pobre da sociedade, são filhos de pessoas de baixa renda, cresceram na periferia e cedo se envolveram com o mundo do crime.

Causa comum da morte entre os jovens que se enquadram nesse perfil, as drogas são frequentemente associadas à sua imagem. Muitos jovens morrem por causa de vingança, acerto de contas e dívidas relacionadas às drogas. Eles iniciam nesse universo dentro da própria comunidade onde vivem, junto de outros jovens com o mesmo perfil, garotos que cresceram juntos, no mesmo bairro, que partilharam desde cedo a mesma realidade e, no fim, acabam eliminando uns aos outros. Aqui, vítimas e assassinos quase sempre têm as mesmas características.

Os jornais exibem dia a dia um cenário caracterizado pela violência, onde jovens se matam entre si. Grosso modo, podemos observar uma grande quantidade de fotografias de jovens que são assassinados nas periferias ilustrando as capas destes periódicos, como podemos ver nesta edição de *O Mossoroense*, de 12 de setembro de 2006:



Foto 1 – capa 12 Set 2006



Foto 2 – o jornal estampa na primeira página uma imagem de um adolescente assassinado



A imagem mostra ao fundo os pés de algumas pessoas, dando a sensação de que a cena estava sendo observada. Ao centro o corpo de um garoto estendido no chão de uma rua. As roupas simples, os pés descalços, o cenário simples, a rua sem asfalto, denunciam a condição social deste garoto.

A representação do jovem em situação de risco acaba tendo uma imagem muito semelhante. As pessoas acabam por atribuí-los de acordo com este perfil moldado pela mídia, afinal, não há como negar esta realidade, as fotografias comprovam e reafirmam esta imagem de jovem marginalizado, penalizado por seus próprios erros.

Conforme mencionado anteriormente, a sociedade não costuma questionar o testemunho das imagens. Entretanto, nesse ponto é preciso ressaltar a observação antes feita de que as imagens podem enganar, é preciso ter consciência principalmente de que as fotografias não reproduzem a realidade de fato. Esta é imensa demais e engloba muito mais coisas do que aquela é capaz de reter através de uma lente. A fotografia não consegue absorver a realidade por completo, “ela diz: isso é isso, é tal! Mas não diz nada mais” (BARTHES, 1984, P. 14).

Fotografias são recortes do real, produzidos de acordo com condições técnicas (iluminação, enquadramento, edição) e com a intenção do próprio fotógrafo, sua subjetividade fala até mesmo quando sua intenção é reproduzir um espelho da realidade. Mesmo a mais fiel das imagens não consegue ser totalmente isenta de subjetividade. O fotógrafo, querendo ou não, é obrigado a fazer certos “julgamentos”, escolher o ângulo, a lente, o enquadramento. Se as fotografias fossem mesmo um retrato da realidade, uma mesma cena fotografada por vários fotógrafos diferentes deveria resultar em fotografias exatamente iguais. Mas, o que se constata são imagens diferentes, recortes diferentes de uma mesma realidade. Desta forma, Sontag (2004, p. 16) afirma:

Apesar da presunção de veracidade que confere autoridade, interesse e sedução a todas as fotos, a obra que os fotógrafos produzem não constitui uma exceção genérica ao comércio usualmente nebuloso entre arte e verdade. Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e consciência.



A autora ainda complementa o pensamento, colocando o fotógrafo na condição de intérprete. O resultado de uma fotografia vai depender da interpretação que o seu idealizador fizer da cena fotografada:

Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ou preferir uma exposição à outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas interprete, as fotos são uma interpretação do mundo [...] (2004, p. 17).

Destarte, não se pode dizer que todos os jovens que se enquadram nesse perfil sejam iguais, não se pode atribuir a eles a mesma imagem que a mídia impressa lhes atribui.

Na fotografia do jornal *O Mossoroense*, temos uma imagem de um garoto morto, isso é inegável. Mas esta mesma cena poderia ter outro tipo de representação caso tivesse sido fotografada por outra pessoa, veiculada por outro jornal. O que esta fotografia mostra é apenas um cadáver. Isso é muito pouco para que se possa atribuir a este jovem uma imagem plasmada: o adolescente “criminoso”, o adolescente “marginal”. Sua realidade não se limita a isso, este mesmo jovem pode ser também filho, neto, primo, amigo, estudante.

A imagem que a sociedade faz destes jovens tem muito a ver com a forma como eles são mostrados. As fotografias, de certa forma, orientam nossa forma de observá-las, de enxergarmos o mundo através de suas imagens. Sontag reforça essa afirmação e vai além, ao dizer que além de orientar o olhar, as fotografias também nos dizem o que vale a pena observar:

Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver (2004, p. 13).

Ao selecionar determinado ângulo e determinado aspecto para tirar uma foto, o fotógrafo está nos dizendo de que forma devemos observar aquela situação, nos apresenta por qual ótica iremos apreender aquela realidade. Pereira Junior (2006, p. 124) explica que, “para não sermos enganados por fotos devemos ‘prestar atenção à



imagem e ao remetente’, perguntar quem está a nos dizer o quê, e quais as suas razões de dizer, as técnicas utilizadas e as intenções não manifestadas”.

Não podemos acreditar em tudo que as imagens nos dizem. Não podemos confiar cegamente nos jornais. Estes são o resultado de um processo que envolve diferentes fatores condicionantes de seu produto final. Isso ocorre com os textos e com as fotografias também, “a imagem é alvo de uma série de adaptações ao ser inserida numa página de jornal” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 114). Tudo é resultado de uma enorme linha de montagem, a fotografia é escolhida entre outras várias, depois pode receber alguns ajustes no computador para ressaltar algum detalhe ou corrigir algum defeito, em seguida é escolhida a sua adequação na página, o lugar onde vai ficar, o tamanho, pode ser que nessa parte do processo, receba ainda alguns ajustes, uma esticada, um pequeno corte aqui e ali, e enfim, quando o jornal vai para as bancas, a fotografia exposta em suas páginas pode já não ser a mesma.

3 Sobre o uso das fotos: a quem pertence a imagem?

As fotografias jornalísticas também podem ser usadas para determinados fins. De acordo com a linha editorial do jornal, de acordo com a intenção de se publicar uma imagem, uma mesma fotografia pode ter vários sentidos, “há uma variedade de atos comunicativos possíveis para os quais uma única imagem pode ser utilizada” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 113).

No caso do garoto assassinado, por exemplo, o jornal poderia utilizar sua imagem para falar da violência na cidade e criticar a segurança pública, ou poderia utilizar a mesma foto para mostrar o quanto a juventude está ficando violenta e fora de controle, ou ainda para mostrar a vulnerabilidade desses jovens, o quanto estão inseguros. De qualquer forma, independente do uso que se faça dessas fotos, os jornais continuam a explorar a imagem desses jovens sem que ninguém diga nada.

Embora a fotografia do jornal *O Mossoroense* não mostre o rosto do garoto, ainda assim pode ser que para sua família aquela imagem estampada na capa do jornal seja algo doloroso de se ver, constrangedor, vergonhoso, “existe uma agressão implícita em qualquer emprego da câmera” (SONTAG, 2004, p. 17). Mas o que os parentes deste



jovem poderiam fazer? Será que eles teriam o direito de impedir que aquela imagem estivesse ali? Afinal, a quem pertence a fotografia?

Ao registrar uma cena, a câmera toma posse daquela situação, toma aquilo para si e disponibiliza para os outros, para qualquer um que tenha interesse naquilo, conforme afirmação de Sontag (2004, p.14):

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa por a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder [...]. Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir.

Nessa apropriação, não importa se esta coisa fotografada trata-se realmente de uma coisa ou de uma pessoa, a fotografia converte tudo em imagem. Barthes faz o mesmo questionamento antes levantado e complementa o pensamento com uma reflexão acerca daquilo que a fotografia faz com as pessoas:

[...] a quem pertence a foto? Ao sujeito (fotografado)? Ao fotógrafo? A própria paisagem não passa de uma espécie de empréstimo feito junto ao proprietário do terreno? Inúmeros processos, segundo parece, exprimiram essa incerteza de uma sociedade para a qual o ser baseava-se em ter. A fotografia transformava [transforma] o sujeito em objeto (1984, p.26).

A pessoa fotografada torna-se objeto de uma prática. É como se a esta pessoa lhe fosse negado o direito de ser quem ela é, se tornasse apenas um produto, resultado de um processo fotográfico.

Ao refletirmos o fato de a sociedade atribuir ao garoto que aparece na capa de *O Mossoroense* uma determinada imagem em detrimento de todo o resto, de tudo o mais que ele foi como ser humano, podemos dizer que a partir do momento em que o fotógrafo, através da lente de sua câmera, captura aquela cena, está também resgatando um pedaço de uma realidade, um aspecto da vida de alguém, que ao ser publicado pode ser apreendido como um todo. O sujeito não é mais sujeito em essência, ele se vê arrancado de tudo o mais que o compõe e é convertido numa imagem, numa representação feita pela mídia.

Barthes (1984, p. 28) trata esta questão como a conversão do sujeito em objeto, num processo onde a pessoa deixa de ser ela mesma e se transforma em imagem:



[...] não sei o que a sociedade faz da minha foto, o que ela lê nela (de qualquer modo, há tantas leituras de uma mesma face); mas quando me descubro no produto dessa operação, o que vejo é que me tornei todo imagem, isto é, a Morte em pessoa; os outros – o outro – desapropriam-me de mim mesmo, fazem de mim com ferocidade, um objeto, mantêm-me à mercê, à disposição, arrumado em um fichário [...]

O fotógrafo transforma o sujeito em imagem, depois apodera-se dessa imagem e a utiliza da forma que desejar. No caso destes jovens em situação de risco, em específico da fotografia analisada, trata-se de uma pessoa pobre e marginalizada. À família deste jovem, além do sofrimento, também foi atribuída a imagem de “a família do adolescente bandido” (porque embora estejamos falado de um garoto que foi assassinado, as circunstâncias em que ele morreu, o colocam na posição também de criminoso, alguém que foi morto por se envolver com este mundo). A foto ocupa o lugar principal na capa do jornal, é sem dúvidas o maior destaque. Para os pais que perderam o filho, não deve ser uma coisa agradável de ver. Mas o que podem fazer?

Esse tipo de acontecimento é comum entre as pessoas pobres. A imagem da pobreza não costuma receber resguardo. Talvez se o garoto assassinado pertencesse a uma família rica e influente, a sua representação fosse diferente.

[...] Gente rica não gosta de se expor e sabe que pode se recusar a dar entrevista e não se deixar fotografar. Pobres não costumam reclamar, não perguntam as razões da foto, não têm noção dos direitos. Por isso, são usados com frequência pelos jornalistas quando precisam de personagens complicados para ilustrar as matérias (SQUARISI; SALVADOR, 2008, p. 73).

A imagem do jovem de família pobre costuma ser mais explorada pelo fato de que as pessoas mais próximas, os familiares não costumam se defender, não sabem se defender, não sabem sequer se têm direito a isto. O direito de exigir o respaldo por sua imagem, seu lugar como sujeito. Barthes faz um breve relato acerca disso, ao nos dar uma definição do que seria a vida privada: “a ‘vida privada’ não é nada mais que essa zona de espaço, de tempo, em que não sou uma imagem, um objeto. O que preciso defender é meu direito de ser um sujeito” (1984, p. 29).

O jornal se utiliza da imagem deste sujeito (que na verdade só é sujeito até o instante em que não é tocado pela lente) a seu bel-prazer sem questionar se tem ou não o



direito de fazer isto. Na fotografia analisada, o jornal preserva o rosto do adolescente, ainda assim, não deixa de se utilizar de sua imagem como objeto de seu ofício, uma das dezenas de produtos por ele ofertados. A pessoa, o ser humano, é agora apenas uma imagem, um objeto impresso à venda nas bancas, reproduzido, exposto, criticado, comprado.

Considerações finais

O jovem em situação de risco é mostrado nas fotos dos jornais com uma imagem atrelada constantemente a situações de violência. A sociedade não costuma criticar esse tipo de representação porque à fotografia foi atribuído o título de portadora da verdade. O jovem pertencente à classe pobre da sociedade é absorvido pelo fotógrafo e transformado em imagem, comercializado, exibido, interpretado. Só que esta fotografia de jornal está sujeita a diversos fatores que podem alterar o seu sentido. A visão de que a fotografia é a realidade de fato, é equivocada. Esses fatores que condicionam a imagem são provas de que a fotografia é apenas um recorte, uma representação, uma interpretação da realidade que pode variar de acordo com a concepção de cada fotógrafo, ou com a linha editorial de cada jornal. E é isto que a grande maioria da sociedade desconhece.

Deste modo, o fotojornalismo se apropria da imagem destes jovens, sem que ninguém questione essa atitude, soma-se ao seu papel de “criminoso”, o fato de serem pessoas pobres, cujas famílias não terão subsídios para contestar essa representação, famílias que não sabem sequer se têm o direito a isto.

Vivemos em um mundo dominado pela imagem e o conhecimento destes fatos deve nos ser útil para que possamos refletir antes de atribuir qualquer sentido a uma fotografia. Embora o jovem da fotografia analisada seja mostrado de um modo que nos conduz (porque a fotografia conduz o pensamento) a interpretá-lo como uma vítima de si mesmo, alguém punido por seu próprio erro, isto não é suficiente para que tenhamos uma noção precisa daquilo que realmente ele foi como pessoa, ou do que realmente aconteceu. Aquilo que a fotografia reproduz com suas imagens é apenas uma pequena



parcela de um universo imenso chamado realidade, universo este, grande demais para ser absorvido por uma lente e aprisionado por inteiro em uma fotografia.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 11 ed. Campinas – SP: Papyrus, 2007.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER. Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

O MOSSOROENSE, 12 de Setembro de 2006. Mossoró – RN. Disponível em:< <http://www2.uol.com.br/omossoroense/120906/conteudo/capagrande.htm> > Acesso em: 26 abr. 2010.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem**: um guia para jornalistas e profissionais do texto. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.